

# 1



Parada no frio da manhã, Viv olhava para o amplo vale abaixo. A cidade de Thune irrompia de um leito de neblina, que enevoava as margens do rio que a intersetava. Aqui e ali, um campanário revestido de cobre brilhava ao sol.

Tinha levantado o acampamento na escuridão da madrugada e as suas longas pernas tinham consumido os últimos quilômetros. A Sangue Negro pesava-lhe nas costas e a Pedra do Escalverto estava escondida num dos bolsos interiores do seu casaco. Podia senti-la, como uma maçã dura e murcha, e, de vez em quando, tocava-lhe reflexivamente através do tecido para se certificar de que ainda estava lá.

Uma sacola de couro pendia de um dos seus ombros. Estava cheia principalmente com anotações e planos, alguns pedaços de biscoitos secos, uma bolsa com moedas de platina, várias pedras preciosas e um dispositivo pequeno e curioso.

Seguiu pela estrada até ao vale, à medida que a neblina se dissipava e a solitária carroça de um agricultor, cheia de alfafa, passava oscilando.

Viv sentia uma sensação crescente de euforia nervosa, algo que não sentia há *anos*, como um grito de guerra que mal conseguia conter. Nunca se preparara tanto para um único momento. Lera e questionara, investigara e lutara, e Thune fora a cidade que escolhera. Quando

riscara todos os outros locais da sua lista, sentira-se absolutamente certa. De repente, essa convicção parecia-lhe tola e impulsiva, embora a sua excitação permanecesse inalterada.

Nenhuma muralha exterior rodeava Thune. A cidade estendia-se muito além dos seus limites originais fortificados, mas ela sentiu que se estava a aproximar do limite de *alguma coisa*. Já passara bastante tempo desde que ficara em algum lugar mais do que algumas noites, a duração de um trabalho. Agora, iria criar raízes numa cidade que visitara, talvez, três vezes em toda a sua vida.

Parou e olhou em volta com cautela, como se a estrada não estivesse totalmente vazia, depois de o agricultor ter desaparecido há muito na neblina. Retirando um pedaço de pergaminho da sacola, leu as palavras que tinha copiado.

*Bem próximo da linha táumica,  
a Pedra do Escalveto incandesce  
atraindo o toque afortunado,  
o aspeto do que o coração deseja.*

Viv guardou-o novamente com cuidado, trocando-o pelo dispositivo que comprara uma semana antes a um estudioso taumista em Arvenne — uma varinha de rbdomancia.

O pequeno fuso de madeira estava envolto em fio de cobre, o qual cobria as runas inscritas ao longo do seu comprimento. Uma fúrcula em madeira de freixo fora encaixada no topo, inserida numa ranhura de modo que girasse livremente. Segurou a varinha na mão, sentindo o fio de cobre a absorver o calor da sua palma. O fuso deu um puxão quase impercetível.

Pelo menos, tinha quase a certeza de que era um puxão. Durante a demonstração do taumista, o puxão fora mais forte. Viv afastou o pensamento repentino de que tinha sido tudo um truque. Por norma, as pessoas com uma morada fixa evitavam enganar um ogre com o dobro da sua altura, o qual lhes podia partir o pulso se lhes apertasse a mão com demasiada firmeza.

Respirou fundo e entrou em Thune com a varinha de rabdomancia diante de si.



Os ruídos de vigília de Thune aumentavam conforme ela avançava para o interior da cidade. Na periferia, os edifícios eram maioritariamente de madeira, intercalados com algumas fundações em pedra do rio. Quanto mais para o interior se aventurava, mais a pedra prevalecia, como se a cidade tivesse calcificado à medida que envelhecia. A terra lamacenta dava lugar a um punhado de ruas em pedra e depois em calçada, perto do centro da cidade. Templos e tabernas amontoavam-se em torno de praças com estátuas de pessoas que tinham provavelmente sido importantes.

Quaisquer dúvidas sobre a varinha de rabdomancia tinham-se evaporado. Esta estava, sem dúvida alguma, a puxar agora, como uma coisa viva, com breves contrações que se transformavam em puxões insistentes. A sua investigação não fora em vão. Havia linhas ley claramente entrelaçadas por baixo da cidade, poderosas avenidas de energia táumica. Os estudiosos debatiam se elas cresceriam onde as pessoas se estabeleciam ou se juntariam as pessoas em redor delas, como o calor no inverno. O que importava para Viv era que elas estavam *ali*.

Encontrar uma linha ley potente era apenas o início, é claro.

A pequena fúrcula em madeira de freixo contorcia-se para a esquerda e para a direita, puxando para um lado durante algum tempo antes de se inverter e puxar como um peixe no anzol noutra direção. Ao fim de algum tempo, Viv já não precisava de olhar para ela. A sensação era suficiente e Viv prestou mais atenção aos edifícios pelos quais passava.

O dispositivo conduziu-a pelas vias principais, através das vielas sinuosas que as uniam, passando por ferreiros, albergues, mercados e estalagens. Havia poucas pessoas da sua altura nas ruas e ela nunca se sentiu apertada. A Sangue Negro tendia a ter esse efeito.

Passou através de todas as camadas de cheiro que compunham uma cidade — pão a cozer e cavalos a acordar, pedras molhadas e metal

quente, perfumes florais e excrementos velhos. Os mesmos cheiros encontrados em qualquer cidade, mas, por baixo deles, havia o cheiro matinal do rio. Às vezes, por entre os prédios, ela conseguia ver as lâminas da roda d'água do moinho.

Viv deixou a varinha levá-la para onde queria. Algumas vezes, o puxão era tão forte que ela parava e inspecionava os edifícios próximos, mas, desapontada, continuava em frente. A varinha resistia durante algum tempo, até parecer ceder e encontrar uma nova direção para onde puxar.

Por fim, quando a varinha puxou com *força*, ela parou meio atordoada e encontrou o que precisava.

Não era na Rua Principal — isso seria esperar de mais —, mas era numa das ruas logo ao lado. Candeeiros de querosene pontilhavam toda a extensão da rua. Estavam apagados agora, mas havia grandes probabilidades de uma pessoa não ser esfaqueada ali depois de escurecer. Os edifícios em Redstone mostravam a sua idade, mas os telhados pareciam estar em bom estado. Todos, exceto um em particular, e foi para lá que a varinha de rãdomancia a atraiu.

Era pequeno para aquilo que era. Uma placa gasta estava pendurada no único gancho de ferro que restava — ESTREBARIA PARKIN — e a pintura das letras em relevo há muito que se descascara. Havia duas grandes portas de madeira reforçadas por barras de ferro, mas estavam entreabertas e a tranca mestra estava encostada à parede mais próxima. À sua esquerda, outra porta mais pequena, do tamanho de um ogre, estava com alguma graça trancada a cadeado.

Viv baixou-se e enfiou a cabeça lá dentro para dar uma olhadela. A luz entrava por um buraco no telhado acima e um punhado de telhas de barro estavam espalhadas e partidas ao longo do amplo corredor que se estendia por entre seis baias para cavalos. Uma escada de robustez duvidosa conduzia a um sótão e, à esquerda, havia um pequeno escritório com um quarto de arrumos. O cheiro azedo a feno bolorento vinha da manjedoura na parte de trás. A poeira rodopiava nos raios de luz, como se nunca tivesse assentado.

Era o mais perfeito que ela poderia esperar.

Viv guardou a varinha de rãdomancia.

Quando ressurgiu no meio do tráfego crescente da rua, avistou uma velha encarquilhada a varrer os degraus do outro lado da rua. Viv tinha a certeza de que ela estava a varrer desde a sua chegada — a soleira já devia estar a brilhar a esta altura, mas a velha continuava a atacá-la com determinação, lançando a Viv um olhar sub-reptício a cada dois segundos.

Viv atravessou a rua. A velha teve a amabilidade de parecer surpreendida, compondo algo que se aproximava de um sorriso ao fazê-lo.

— Sabe quem é o dono deste sítio? — perguntou Viv, apontando para a estrebaria.

A mulher tinha menos de metade da sua altura e teve de se esticar para a fitar. Os seus olhos desapareceram quando ela comprimiu o rosto num grande emaranhado de rugas.

— A estrebaria?

— Sim.

— Beeem. — Ela arrastou a palavra pensativamente, mas Viv percebeu que não havia nada de errado com a sua memória. — É o velho Ansom, se bem me lembro. Aquele homem nunca teve muita cabeça para os negócios, nem para o comércio ou para as tarefas de um marido, segundo diz a mulher dele.

Viv notou o sugestivo movimento das sobrancelhas da mulher.

— Não é Parkin?

— Não. Ele era demasiado forreta para mudar a placa quando a comprou.

Viv mostrou um sorriso divertido, revelando as suas presas inferiores proeminentes.

— Faz alguma ideia de onde o posso encontrar?

— Não posso dizer ao certo, mas suponho que esteja a fazer o único trabalho onde nunca falhou. — Inclinou a mão livre, levando uma caneca imaginária aos lábios. — Se o quer realmente encontrar, pode procurar na Travessa Rawbone. São seis para lá. — Gesticulou para sul.

— A esta hora da manhã?

— Ah, *esse* negócio ele leva a sério.

— Obrigada, minha senhora — disse Viv.

— Ah, *senhora*, ora bem! — A mulher soltou uma gargalhada. — Pode chamar-me Laney. Está a planear ser a minha nova vizinha...?

— Ela fez um gesto de «como se chama».

— Viv.

— Viv — disse Laney, acenado com a cabeça.

— Acho que veremos. Depende se ele é um empresário tão mau como diz.

A velha ainda estava a rir quando Viv partiu para a Travessa Rawbone.



Independentemente do que Laney dissera, Viv não esperava encontrar o tão difamado Ansom àquela hora do dia. Supusera que iria perguntar por ele em todos os locais de bebida com a porta aberta e, assim que conhecesse os sítios que ele frequentava, procurá-lo-ia quando o dia terminasse.

Mas, afinal, precisou apenas de três paragens para o encontrar. O taberneiro olhou-a de cima a baixo, depois de ela perguntar, erguendo as sobrancelhas de modo incisivo para o punho da Sangue Negro que aparecia por cima do ombro dela.

— Não procuro problemas, apenas negócios — disse ela num tom calmo e tentando parecer menos imponente.

Aparentemente satisfeito por ela não estar com vontade de lutar, ele apontou com o polegar para o canto e voltou a espalhar a sujidade do balcão, introduzindo-a em locais novos e mais interessantes.

Quando se aproximou da mesa, Viv teve a impressão avassaladora de que estava a entrar na toca de algum velho animal da floresta. Um texugo, talvez. Não era no sentido de algo perigoso e sim mais a sensação de um lugar onde ele passara tanto tempo que este absorvera o seu cheiro e tornara-se essencialmente dele.

Ele até parecia um texugo, com uma grande barba preta e gordurosa, riscada de branco e emaranhada sobre o seu peito. Tão largo quanto alto, ele ocupava tanto espaço entre a parede e a mesa que, quando respirou fundo, aquela abanou.

— É o Ansom? — perguntou Viv.

Ansom admitiu que era.

— Importa-se se eu me sentar? — perguntou ela e depois sentou-se na mesma, encostando a Sangue Negro às costas da cadeira. Verdade seja dita, ela não estava habituada a pedir autorização.

Ansom olhou para ela por cima das suas pálpebras inferiores inchadas, não de modo hostil e sim com cautela. Havia uma caneca diante dele, quase vazia. Viv chamou a atenção do taberneiro, gesticulando para a caneca, e Ansom animou-se consideravelmente.

— Muito agradecido — murmurou ele.

— Ouvi dizer que é o dono da antiga estrebaria em Redstone. É verdade? — perguntou Viv.

Ansom admitiu que sim.

— Pretendo comprá-la — disse ela. — E tenho a sensação de que é capaz de querer vender.

Ansom pareceu surpreendido, mas apenas por um instante. O seu olhar avivou-se e, embora pudesse não ter cabeça para os negócios, Viv tinha a certeza de que tinha uma para regatear.

— Talvez — resmungou ele. — Mas isso é um imóvel de categoria. De categoria! Já recebi ofertas antes, mas a maioria das pessoas não vê além do espaço para apreciar verdadeiramente o valor da *localização*. Ou seja, oferecem demasiado baixo.

Nessa altura, o taberneiro trocou a caneca vazia por outra cheia e Ansom entusiasmou-se visivelmente com o assunto.

— Oh, sim, tantas ofertas embaraçosas. Tenho de avisar de que sei o quanto aquele lote vale e não me consigo imaginar a vender a ninguém a não ser a um empresário sério. Hum... empresária — emendou ele.

Viv mostrou o seu sorriso divertido e cheio de dentes, pensando em Laney.

— Bem, Ansom, há vários tipos de negócios. — Bastante consciente da Sangue Negro encostada atrás de si, ela pensou em como a sua profissão (a sua profissão antiga) teria facilitado esta negociação. — Mas

posso dizer, com toda a certeza, que sou sempre séria quando faço qualquer tipo de negócio.

Pegou na sacola, tirou a bolsa com as moedas de platina e ergueu-a. Retirando apenas uma moeda, segurou-a entre o polegar e o indicador, inspecionando-a e deixando-a refletir a luz. Moedas de platina eram raramente vistas num lugar como aquele e ela iria precisar de as trocar por moedas de valor mais baixo em breve, mas queria ter algumas à mão justamente para este tipo de momentos.

Os olhos de Ansom arregalaram-se.

— Ah, oh. Séria. Sim! Séria, de facto! — Ele tomou um longo gole de cerveja para disfarçar a sua surpresa.

*Sacana manhoso*, pensou Viv, tentando não sorrir.

— De um empresário sério para outro, não o quero fazer perder tempo. — Viv apoiou-se num cotovelo e fez deslizar oito moedas de platina sobre a mesa. — Isto são provavelmente oitenta soberanos de ouro. Acho que cobre o valor do lote. Tenho a certeza de que podemos concordar que o edifício é para esquecer e acho que as hipóteses de outra... *empresária* o encontrar para lhe pagar em dinheiro à cabeça estão a desaparecer.

Ela sustentou o olhar dele.

Ele ainda estava com a caneca encostada à boca, mas não engolia.

Viv começou a retirar as moedas e ele estendeu rapidamente a mão, parando antes de tocar na mão muito maior dela. Viv ergueu as sobrancelhas.

— Posso ver que tem um olhar atento para o valor. — Ansom pestanejou rapidamente.

— Sim. Se quiser arranjar um momento esta manhã para trazer a escritura e passá-la para o meu nome, eu espero aqui. Mas não vou esperar além do meio-dia.

Afinal, o velho texugo era muito mais ágil do que parecia.





Enquanto Viv deixava a sua marca na escritura e embolsava as chaves, Ansom enfiou a platina na sua bolsa, parecendo aliviado por o negócio ter sido concluído.

— Bem, não imaginei que estivesse interessada em trabalhos de estrebaria — arriscou ele.

Era do conhecimento comum que os cavalos não gostavam muito de ogres.

— Não estou. Vou abrir um café.

Ansom pareceu perplexo.

— Mas porque é que compraria um estábulo para cavalos para isso?

Viv não respondeu por um momento, mas depois olhou fixamente para ele.

— As coisas não têm de permanecer como começaram. — Dobrou a escritura e colocou-a na sacola.

Então, enquanto se dirigia para a saída, Ansom gritou-lhe.

— Oh, e ei! O que raio é um *café*?



Viv tinha mais três paragens para fazer antes de regressar à estrebaria.

A secção de Câmbios do armazém comercial colocou-lhe cobre, prata e ouro na bolsa e depois Viv seguiu para o Ateneu, na pequena universidade táumica na margem norte do rio. Queria conhecer o local, caso precisasse de fazer alguma leitura.

Mais importante ainda, o Correio Territorial funcionava entre os Ateneus e as bibliotecas espalhados pela maior parte das grandes cidades e era fiável. Aqueles campanários revestidos a cobre que ela vira ajudaram-na a encontrar o local.

Sentada numa das grandes mesas entre as prateleiras, ela escreveu duas cartas, usando algumas folhas do seu pergaminho. O cheiro a papel, poeira e tempo fê-la lembrar-se de todas as leituras recentes que fizera em lugares como aquele.

Uma vida inteira a treinar os seus músculos, os seus reflexos e a sua dureza mental trocada por leitura, planeamento e acumulação de detalhes. Ela sorriu de modo pesaroso enquanto escrevia.

O gnomo-fêmea no balcão do correio não conseguia parar de olhar para ela enquanto Viv carimbava o selo de cera. A mulher teve de anotar as moradas duas vezes, de tão nervosa que ficara ao ver um ogre no edifício.

— Estou à procura de um serralheiro. Conhece alguém com boa reputação?

A boca do gnomo ficou aberta durante mais um momento, mas ela recuperou e folheou uma lista atrás do balcão.

— Markev e Filhos — respondeu ela. — Oito dois sete, Rua Mason. Depois, deu-lhe algumas instruções rudimentares.

Viv agradeceu e saiu.

Markev e Filhos ficava onde lhe fora indicado. Uma moeda de prata e três de cobses mais leve, Viv saiu com um cofre enorme e bastante pesado debaixo do seu braço musculoso.



De volta à Estrebaria Parkin, enquanto o Sol se punha, Viv destrancou a porta do escritório, trancou as portas do estábulo e puxou o cofre para trás de um balcão em forma de L no escritório. Guardou a escritura e os seus fundos no interior, trancou-o e pendurou a chave ao pescoço.

Depois de alguns testes com os pés e as pontas dos dedos, ela encontrou uma laje solta no corredor principal entre as baias e, fletindo os músculos com força, levantou-a e retirou-a. Escavou a terra que estava por baixo e colocou cuidadosamente a Pedra do Escalverto no buraco. Cobrindo a Pedra com a terra, ela recolocou a laje e passou uma vassoura de estábulo dura e a perder cerdas pelo local para garantir que parecia intacto.

Depois, fitou a laje por alguns instantes. Todas as suas esperanças estavam centradas naquela pequena pedra, enterrada como um coração secreto na Estrebaria Parkin.

Não, já não era uma estrebaria.

Este lugar pertencia a Viv.

Ela olhou em volta. A *sua* casa. Não uma paragem temporária ou um lugar onde estender o seu saco de dormir por uma noite. Era sua.

O ar fresco da noite rodopiava através do buraco no telhado, portanto, esta noite, pelo menos, seria provavelmente como qualquer outra noite passada debaixo das estrelas. Viv olhou para o sótão e para a escada que levava até lá. Testou um dos degraus inferiores com o pé e este partiu-se como um galho seco. Ela soltou uma risada, desamarrou a Sangue Negro e, com ambas as mãos, atirou-a para o sótão, assustando um bando de pombos que escaparam pelo telhado. Viv olhou para a espada por um momento e depois desenrolou o seu saco de dormir numa das baías. Não iria haver fogueira, claro, nem havia lanternas dignas de nota, mas não fazia mal.

Na penumbra, por entre o estrume de cavalos arcaico e a poeira do abandono, ela examinou o interior. Não sabia muito sobre edifícios, mas era óbvio que este precisava de uma quantidade inacreditável de trabalho.

Mas, no fim de tudo, seria algo que ela construía em vez de derrubar.

Era ridículo, claro. Um café? Numa cidade onde ninguém sabia sequer o que o café era? Até há seis meses, ela nunca tinha ouvido falar disso, nunca o cheirara ou provara. À primeira vista, todo o empreendimento era ridículo.

Ela sorriu no escuro.

Quando se recostou finalmente no saco de dormir, começou a enumerar as tarefas para o dia seguinte, mas não passou da terceira.

Dormiu como um morto.

# 2



Viv acordou no índigo da madrugada com o murmúrio crescente da cidade lá fora. Os pombos arrulhavam no sótão, onde tinham regressado aos seus ninhos. Ela levantou-se e verificou a laje por acima da Pedra do Escalveto. Estava intacta, é claro. Reunindo algumas coisas, saiu para a rua, mastigando o que restava do seu biscoito e inalando o cheiro matinal húmido das sombras que davam lugar ao sol. Sentia-se flexível e tensa, como se estivesse em bicos de pés, pronta para desatar a correr.

Do outro lado da rua, Laney trocara a vassoura por uma tigela de ervilhas e estava sentada num banquinho de três pernas a descascá-las. Trocaram acenos amigáveis e, depois, Viv trancou a porta e partiu em direção ao rio.

Deu por si a cantarolar enquanto caminhava.

No nevoeiro matinal que se dissipava, Viv dirigiu-se aos estaleiros aninhados na margem do rio. O lugar fervilhava com o barulho de martelos, serras e gritos abafados pela névoa. O que ela queria estava gravado na sua mente, embora não o esperasse encontrar de imediato. No entanto, ela conseguia ser paciente. Na sua experiência, tinha

de o ser. Depois de passar longas horas a fazer reconhecimento ou a vigiar o covil de uma fera, Viv fizera as pazes com a passagem do tempo.

Comprou algumas maçãs a um miúdo ratomem maltrapilho, que as vendia num saco de serapilheira, encontrou uma pilha de caixotes afastados da confusão e acomodou-se para observar.

Os barcos ali não eram grandes — eram principalmente barcos de quilha e pequenos barcos de pesca mais adequados para o rio. Cerca de uma dúzia deles encontravam-se sobre o longo cais, rodeados por pequenos grupos de trabalhadores navais que os raspavam, alcatroavam ou reparavam. Observou-os enquanto trabalhavam, atenta ao que queria. As tripulações iam aumentando e diminuindo à medida que a manhã avançava.

Viv estava na sua última maçã quando encontrou o que procurava.

A maioria das tripulações trabalhava aos pares ou em trios, homens grandes com grandes vozes a trepar pelos cascos e a gritar uns para os outros enquanto o faziam.

Algumas horas depois, no entanto, apareceu um homem de menor estatura, transportando uma caixa de ferramentas em madeira com metade do seu tamanho. Tinha orelhas compridas, o corpo esguio, a pele coriácea e morena e um boné achatado puxado sobre a testa.

Não se viam duendes com frequência nas cidades. Os humanos chamavam-lhes depreciativamente «trasgos» e evitavam-nos, portanto, eles preferiam manter-se reservados.

Viv conseguia perceber como eles se sentiam, mas era mais difícil intimidá-la.

Ele trabalhou sozinho num pequeno bote, enquanto os trabalhadores navais e os estivadores o evitavam. Ela observou o seu trabalho diligente e metucioso. Viv não era marceneira, mas apreciava um bom trabalho. As ferramentas dele estavam metuciosamente organizadas, afiadas e bem cuidadas. Havia uma economia deliberada em cada um dos seus movimentos, enquanto ele usava uma faca, a plaina ou outras ferramentas que ela não reconhecia para moldar uma nova apostura.

Terminou de comer a maçã e observou-o a trabalhar, tentando não ser demasiado óbvia. Afinal, espiar era uma das suas aptidões mais utilizadas.

Era meio-dia quando ele arrumou cuidadosamente as ferramentas e desembrolhou o almoço que tirou da caixa de ferramentas. Viv aproximou-se.

Ele semicerrou os olhos para ela por baixo do boné, mas não disse nada quando ela parou ao seu lado.

— Belo trabalho — disse Viv.

— Hum.

— Pelo menos, suponho que seja. Não sei muito sobre barcos — admitiu ela.

— Suponho que isso diminua um pouco o elogio, então — respondeu ele, com uma voz seca e mais profunda do que ela esperava.

Ela riu-se e depois olhou para cima e para baixo ao longo do cais.

— Não há muitos aqui que façam o trabalho sozinhos.

— Não.

— Tem muito trabalho?

Ele encolheu os ombros.

— O suficiente.

— O suficiente para não querer ter muito mais?

Ele tirou, então, o boné e o seu olhar tornou-se mais especulativo.

— Para alguém que não sabe muito sobre barcos, parece estranho que precise de muita construção naval.

Viv pôs-se de cócoras, cansada de se debruçar sobre ele.

— Bem, tem razão. Não preciso. Mas madeira é madeira e um artesão é um artesão. Eu observei-o a trabalhar. Quando já temos algum tempo de vida, percebemos que podemos dar um problema e algumas ferramentas a certas pessoas e elas resolvem o assunto. E eu nunca penso duas vezes em relação a contratar esse tipo de pessoas. — Embora, refletiu ela, as ferramentas e as pessoas tivessem sido historicamente muito maiores e muito mais sangrentas.

— Hum — disse ele novamente.

— Eu sou a Viv. — Estendeu a mão.

— Calamidade. — A pata calejada dele foi engolida pela dela. Os olhos dela arregalaram-se.

— Nome de duende — disse ele. — Pode chamar-me Cal.

— Como quiser. Não preciso que o seu nome se adapte a mim.

— Cal está ótimo. O outro é demasiado comprido.

Ele tapou novamente o almoço com o pano e ela sentiu que tinha agora toda a sua atenção.

— Então, esse... trabalho. É um projeto do tipo aqui e agora ou...?

— Ele acenou com a mão para algum futuro vaporoso.

— É aqui e agora, bem pago e com os materiais que pedir e não os que eu escolher para si. — Ela retirou a bolsa, abriu-a, tirou um soberano de ouro e ofereceu-lho.

Cal estendeu as mãos como se estivesse à espera de que ela lho atiras-se, mas ela colocou-lho deliberadamente na palma da mão. Ele franziu os lábios e fez saltar a moeda na mão.

— Bem. Porquê eu, exatamente? — Fez menção de lhe devolver a moeda, mas ela recusou.

— Como eu disse, observei-o a trabalhar. Tem ferramentas afiadas. Limpa conforme vai avançando. Está concentrado na sua tarefa. — Ela olhou em redor para a óbvia ausência de homens por perto. — E faz isso mesmo quando alguns poderiam dizer que seria mais sensato não o fazer.

— Hum. Então, quer-me pela minha falta de sensatez, é? Não são barcos que quer construir. O que é que tem em mente, exatamente?

— Acho que tenho de lhe mostrar.



— *Destruição e ruína* — praguejou Cal baixinho. Tirou o boné e enfiou-o na cintura das calças.

Estavam diante da Estrebaria Parkin, com as portas do estábulo escancaradas, e Viv sentiu uma sensação momentânea de inquietação.

— Não sei muito sobre telhados — disse ele enquanto espreitava para o buraco.

— Mas consegue descobrir?

— Hum — respondeu ele, no que Viv estava a começar a perceber ser uma resposta afirmativa.

Ele caminhou lentamente pelo interior, chutando os painéis das baias e batendo com os pés sobre as lajes. Viv ficou tensa quando ele passou por cima da que cobria a Pedra do Escalveto.

Ele olhou para ela.

— Quantos é que planeia contratar?

— Se tiver alguém com quem goste de trabalhar, eu não me oponho. Tirando isso, tenho um par de mãos prontas para trabalhar e não me canso facilmente. — Ela ergueu-as em demonstração. — Mas não é uma estrebaria que eu quero.

— Não?

— Já ouviu falar de café?

Ele abanou a cabeça.

— Bem, eu preciso de um... um restaurante, acho. Para bebidas. Ah!

Foi até à sua sacola e tirou um conjunto de esboços e anotações. De repente, sentiu-se inexplicavelmente nervosa. Viv nunca se importara muito com o julgamento dos outros. Era algo muito fácil de ignorar quando se tinha um metro e oitenta quilos a mais do que a maioria das pessoas com quem deparava. Agora, no entanto, temia que este homenzinho a considerasse uma tola.

Cal estava à espera de que ela continuasse.

Ela deu por si a divagar:

— Deparei com um em Azimuth, a cidade gnómica no Território Leste. Estava lá por causa... bem, não interessa a razão pela qual eu lá estava. Mas senti primeiro o cheiro e depois deparei com a loja. Eles faziam... Bem, é como o chá, mas não é parecido com chá. Cheira a... — Ela parou. — Não importa a que é que cheira, já que não o consigo descrever. Seja como for, imagine que vou abrir uma taberna, mas sem torneiras, sem barris e sem cerveja. Apenas mesas, um balcão e algum espaço na parte de trás. Veja, fiz alguns esboços do sítio que vi.

Entregou-lhe os papéis e sentiu o rosto corar. Ridículo!



Ele pegou nas páginas e examinou-as, prestando muita atenção a cada uma delas, como se estivesse a memorizar cada linha.

Ao fim de vários minutos agonizantes, devolveu-lhe os papéis.

— Esses esboços são seus? Nada mal.

Surpreendida, ela corou ainda mais.

— E está a planear ficar aqui também? — Ele apontou com o polegar para o sótão. — Parece adequado.

— Eu... sim.

Ele pôs as mãos nas ancas e olhou para a zona onde ficavam as baias.

Ela quase esperara que ele desse meia-volta e se fosse embora, mas estava agora a começar a pensar que era capaz de ter feito a escolha certa.

— Então... — Ele percorreu o espaço novamente. — Parece que dá para manter as baias. Podemos cortá-las um pouco. Arrancar as portas e fechar ao longo das paredes para fazer bancos. Pegar nalgumas tábuas compridas e colocá-las num cavalete no meio. Assim, fica com algumas cabinas e mesas aqui nas laterais. Podemos derrubar aquela parede do escritório. A bancada pode servir. Preciso de verificar se há podridão.

Ele deu um pontapé na madeira lascada da escada e ergueu as sobancelhas para ela.

— Vai precisar de uma escada nova. Alguns sacos de pregos. Cal. Tinta. Telhas de barro. Algumas pedras do rio. Sacos de argamassa. Talvez abrir mais algumas janelas. E... *muita* madeira.

— Então, aceita fazer isto?

Ele lançou-lhe outro dos seus olhares longos e especulativos.

— O que é que me disse? Eu faço coisas quando parece mais sensato não as fazer? Bem, se me ajudar, acho que sim. Dê-me um pouco daquele pergaminho e um estilete, se o tiver. Vamos precisar de uma lista. Uma lista *longa*. Amanhã podemos ver como tratar das encomendas e quanto mais vazia podemos deixar essa sua bolsa. — Pela primeira vez desde que ela o conhecera, ele ofereceu-lhe um pequeno sorriso. — Não vai perguntar quanto vai custar?

— Acha que já sabe?

— Suponho que não.

— Bem, então. — Viv arrastou um caixote velho para longe da parede, soprou o pó e entregou-lhe um estilete.

Curvaram-se juntos sobre o pergaminho enquanto Cal começava a escrever.



Cal foi-se embora ao fim da tarde para terminar o seu trabalho no bote, prometendo voltar de manhã. Viv guardou a lista dos materiais e depois ficou parada no silêncio da estrebaria, onde o barulho baixo do exterior dificilmente parecia intrometer-se. Ela olhou para fora, através das portas, para a varanda de Laney, mas esta estava vazia.

De repente, sentiu-se muito sozinha, o que era estranho. Viv passara bastante tempo sem nenhuma companhia digna de nota; longas caminhadas, acampamentos solitários, tendas frias, cavernas gotejantes.

Mas, numa cidade, quase nunca estava sozinha. Um membro do seu grupo estaria com ela.

Agora, *nesta* cidade, repleta de pessoas de todas as raças e origens, a solidão era terrível. Ela conhecia três pessoas pelo nome e nenhuma delas era mais do que um mero conhecido, embora Laney, pelo menos, parecesse simpática e Cal fosse uma presença estranhamente calmante.

Trancou a porta e seguiu em direção à via principal — claramente para *longe* da Travessa Rawbone.

*Achas que precisas de companhia? Bem, certo, aqui estamos. Um lugar novo. Uma casa nova — para ficar, desta vez.*

Viv encontrou o estabelecimento mais iluminado e barulhento que conseguiu, um restaurante e taberna que parecia bastante frequentado, mas sem bêbedos cambaleantes na rua nem poças de mijo para evitar. Passou por baixo do lintel e entrou. Houve uma queda momentânea no volume da conversa, mas Thune era bastante cosmopolita e os ogres não eram desconhecidos, apenas pouco habituais. O barulho voltou a aumentar.

Respirou fundo e tentou relaxar o rosto de modo que apresentasse uma expressão não ameaçadora, algo que vinha praticando. Com

sorte, não andar com uma espada e usar roupa simples reforçava o efeito.

Havia um balcão comprido e limpo, pouco povoado, e um espelho na parede por trás. Lanternas brilhavam por toda a zona de jantar. Não estava frio o suficiente para uma lareira, mas mesmo assim a sala estava bem iluminada.

As mesas estavam quase todas ocupadas. Viv puxou um banco junto do balcão e tentou não ficar inquieta. Sentia-se pouco à vontade — tantas pessoas, tão próximas — e, pela primeira vez, não estava apenas de passagem. De repente, por mais irracional que o pensamento fosse, parecia que qualquer gafe ou tropeço aqui poderia segui-la e envergonhá-la para sempre, antes sequer de ela se instalar adequadamente.

Um homem com cara de lua aproximou-se. Tinha as faces vermelhas e as orelhas apenas um pouco pontiagudas. Tinha, provavelmente, algum sangue de elfo, embora a sua circunferência sugerisse um metabolismo bastante humano.

— Boa noite, senhora — disse ele e colocou um menu de giz diante dela. — Comida ou bebida?

— Comida. — Ela sorriu, tentando não mostrar muito as suas presas inferiores.

A expressão dele não mudou nem um pouco. Batendo com o dedo na lousa, disse:

— A carne de porco está boa! Vou deixá-la pensar um pouco — e afastou-se com ligeireza.

Quando ele voltou, minutos depois, ela pediu a carne de porco e, enquanto esperava pela refeição, olhou em redor, meditando. Não se tinha atrevido a pensar tão adiante antes, exceto de uma forma muito abstrata, mas com Cal contratado permitiu-se sonhar um pouco.

O café que visitara em Azimuth era a própria definição da arquitetura gnómica: azulejos precisamente ajustados, formas geométricas e pavimentos dispostos em intrincados padrões entrelaçados. A mobília, é claro, também era à escala gnómica — ela tivera de ficar de pé.

Sabia que o seu lugar seria diferente, mas agora estava a tentar tornar isso real na sua cabeça. Olhou para a decoração do interior da

taberna — aqui uma pintura a óleo com uma antiga moldura dourada, ali um enorme vaso de cerâmica no chão com fetos frescos para adoçar o ar. Havia também um lustre simples com três velas grossas, claramente mudadas regularmente, sem pingos de cera desleixados.

Viv começou a imaginar o seu próprio lugar. *Mais luminoso*, pensou ela, *com aquele teto alto de celeiro. Alguma luz a entrar pelas janelas altas*. Conseguia ver o que Cal quisera dizer em relação às cabinas, mas talvez devesse haver também mais outra mesa comprida com bancos no meio, uma espécie de assento comunitário.

Viv viu o espaço com as grandes portas do estábulo escancaradas, talvez algumas mesas na entrada para apanhar a brisa e o sol. As lajes polidas. Paredes limpas e caiadas...

Os seus pensamentos foram interrompidos pela chegada da sua refeição. O aroma rico da mesma atingiu-a primeiro e ela descobriu que estava faminta.

— Antes de ir — disse ela —, eu queria perguntar... Este local é seu?

O meio elfo pestanejou e depois fez um sorriso um pouco mais rasgado do que a sua amabilidade profissional habitual.

— Claro que sim! Já há quatro anos.

— Se não se importa que pergunte, como é que começou?

Ele apoiou-se no balcão.

— Bem, não é um negócio de família, se é isso que está a perguntar. E o meu primeiro sítio não foi de certeza aqui, na Rua Principal. — Ele riu-se perante a ideia.

— E o negócio era lento no início? Ou os clientes vieram todos ao mesmo tempo? — Ela acenou para a sala.

— Oh, céus, lento. Muito lento. Posso dizer que perdi mais dinheiro do que podia perder... e depois perdi um pouco mais. Mas hoje em dia perco *apenas* o suficiente para sobreviver. Está a planear abrir uma taberna por aqui? Não posso dizer que a aconselho a fazer isso. — Ele piscou-lhe o olho, claramente a brincar.

— Não exatamente, mas algo parecido, talvez.

Ele pareceu surpreendido, mas recuperou rapidamente.

— Bem, boa sorte para si, senhora. — Ele falou por trás da mão num sussurro teatral. — Mas agradecia-lhe que não me levasse os clientes, ouviu?

— Acho que não há grandes hipóteses disso.

— Bem, não há problema, então. Vá, coma ou vai arrefecer.

Viv comeu a sua refeição em silêncio e não falou com mais ninguém. O seu ânimo era meditativo quando saiu da taberna. Encontrou uma loja de velas ainda aberta, comprou uma lanterna e voltou para a estrebaria. Ali, ficou acordada, a olhar para a chama. As visões do que um dia poderia existir eram bem distantes do lugar frio e abandonado onde ela se deitava.

Amanhã, contudo, começaria o verdadeiro trabalho.